

Grandes grupos suspendem projetos

economia - Brasil

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — A Votorantim, o maior grupo privado do país, surpreendeu o mundo empresarial ao anunciar há poucos dias que suspendeu até o segundo semestre decisões sobre investimentos para 1999. No ano passado, foram desembolsados US\$ 890 milhões, mas para 1999 só estão confirmados gastos de R\$ 300 milhões em obras que não podem ser canceladas. A decisão do grupo capitaneado por Antônio Ermírio de Moraes reflete as incertezas que tomaram os setores produtivos do país quanto o destino da economia para os próximos meses. A Votorantim, infelizmente, não está sozinha.

Empresas como Pirelli, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), W.Roth (uma das maiores do setor gráfico) e milhares de micros e pequenas empresas, como a Bimetal e a Mikropar, ambas de São Paulo, também decidiram adiar a aplicação de recursos na expansão de suas fábricas. "Há um sentimento generalizado de que o País está parado", comenta Carlos Roberto Liboni, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). "Ninguém se mexe porque o governo não mostra o que fará para resolver problemas sérios, como o câmbio elevado, inflação em alta e subida do desemprego a níveis preocupantes".

A Pirelli, uma das maiores fabricantes de pneus do país, foi atingida pela crise que abate o setor automobilístico. Mesmo obtendo um lucro recorde de R\$ 103 milhões em 1998, a companhia decidiu diminuir a duplicação da produção da fábrica de Gravataí, Rio Grande do Sul, que é hoje de 3,66 mil toneladas por mês. Os investimentos de US\$ 180 milhões, que deveriam ser aplicados até o próximo ano, na melhor das hipóteses, serão concluídos em 2001 ou 2002.

A queda de vendas do ramo automobilístico atingiu os planos de expansão dos seus fornecedores, como as indústrias siderúrgicas. É o caso da CSN, uma das gigantes do país, que decidiu suspender até maio a

Marcos Fernandes



Ildete olha uma geladeira para comprar: "Não quero fazer loucuras com as minhas pequenas economias"

compra de equipamentos e captação de novos recursos junto a bancos internacionais. A direção da empresa não quis se pronunciar sobre o assunto, limitando-se a informar por nota que a medida "não afetará o cronograma de investimentos".

Se as grandes companhias não fazem compras, os fornecedores pequenos diminuem a produção e também adiam novos projetos. É o que está ocorrendo com boa parte das micros e pequenas empresas, responsáveis por 60% dos empregos do país.

MÁQUINAS

A Bimetal, indústria de medidores de pressão e de temperatura para clientes como a Votorantim, Petrobras e Petroquímica União, iniciaria em janeiro investimentos de US\$ 720 mil planejados há dois anos. A indústria, com 36 funcionários, precisa comprar duas máquinas para aumentar a produção de componentes e de moldes.

Além disso, necessita montar com urgência um laboratório no

qual avaliará a precisão de seus produtos. A tarefa hoje é executada em centros técnicos do governo, sempre muito ocupados. "Nossa companhia tem 22 anos e precisa crescer, pois a concorrência é muito forte e vem inclusive do exterior", afirma Marco Antônio de Godoy, um dos fundadores da indústria. "Sou um otimista, acredito no Brasil, mas decidimos parar os investimentos. Se fizéssemos algo neste momento incerto colocaríamos em risco tudo o que construímos e os empregos dos nossos funcionários".

Se o grupo Votorantim consegue investir R\$ 300 milhões apenas para manter projetos inadiáveis, há empresas médias que não terão a mesma sorte e precisarão cortar gastos essenciais. A W.Roth, uma das cinco principais gráficas brasileiras, com faturamento de R\$ 40 milhões e 350 funcionários, terá que poupar os US\$ 3 milhões reservados no início do ano para melhorias da fábrica, localizada numa área de 17 mil metros quadrados em Guarulhos, região da Grande São Paulo. "Como a

crise piorou, tivemos que nos enquadrar à realidade de 1999", comenta o presidente Luiz Carlos Gióia. "O faturamento cairá 10% neste ano. Vamos regredir bem ao nível de produção de 1997".

A insegurança generalizada dos empresários tomou conta até de exportadores, classe que se beneficiou muito com a desvalorização de 39,2% do real frente ao dólar. Embora exista grande dificuldade para antecipar os créditos obtidos no exterior, boa parte deles não deseja realizar as operações. Isso ocorre porque muitos deles acreditam que a inflação pode disparar em breve o que vai corroer suas receitas em reais.

A Indústria de Calçados Wirth, com sede em Dois Irmãos, Rio Grande do Sul, sabe como é difícil fazer hoje o Adiantamento de Contrato de Crédito (ACC), um tipo de empréstimo bancário. Com 1.300 funcionários, ela enfrenta sérios problemas para que bancos reabram suas linhas de créditos. Dos dez bancos que normalmente lhe viabilizam o ACC, apenas o Banco

do Brasil, Bradesco e Sudameris estão liberando os recursos. "É uma situação delicada", afirma Ricardo Wirth, um dos donos. "Os bancos não estão recebendo recursos do exterior para repassá-los aos empresários locais".

CONSUMIDORES

Edmilson de Almeida Santos, nascido em São Sebastião, Alagoas, começou na sexta-feira um longo périplo pelas lojas de São Paulo, que deverá durar um mês. Edmilson quer comprar uma geladeira. Mas avisa: só levará para casa as mercadorias de qualidade mais baratas da praça. Os consumidores, assim como as empresas, também são cautelosos antes de gastar o seu dinheiro.

"Homem, o grana anda curto. Com essa crise que está aí, cada vez mais gente na rua procurando emprego, eu tenho mais é que me controlar", diz Edmilson, 27 anos, vigia, renda bruta de R\$ 650 por mês. Ele procura uma geladeira de 330 litros. Numa loja G. Aronson do centro da cidade se interessou por uma Consul, R\$ 399 à vista. Em dez prestações, o preço final sobe para R\$ 582. "Não sei se está caro, porque comecei minha pesquisa agora. Mas a verdade é que não vou encerrar o crediário, pois os juros são uma paulada. Se for necessário, espero mais uns dois meses para poder levar a geladeira na hora, sem essa história de carne".

Na mesma loja, a piauiense Ildete Custódio, telefonista desempregada há 18 meses, procurou uma geladeira grande com freezer. Encontrou uma Brastemp com capacidade para 390 litros. Preço salgado: R\$ 1.190,00 à vista. Em dez parcelas, a mensalidade sai por R\$ 173,62 ou custo total de R\$ 1.736. "A última vez que comprei fogão, som, essas coisas para casa, foi há dois anos. Em 1997, perdi meu emprego na Mappin Financiadora, onde trabalhei 12 anos. Ganhava uns R\$ 700 na carteira. Ajudei minha mãe nesse tempo e agora estou de volta, à procura de uma oportunidade. Estava em casa triste e sai para ver as lojas. Antes de arrumar outro serviço, não quero fazer loucuras com as minhas pequenas economias".